

PRIMEIRO SKETCH

AS ILHAS EM GERAL

*— Isso não pode ser, — disse então o barqueiro —
A menos que insanamente nos queiramos perder;
Pois aquelas mesmas Ilhas, que soem por vezes parecer,
Não são terra firme, nem nenhum lugar verdadeiro,
Mas tramas dispersas, que bóiam tresmalhadas
No mar imenso: e por isso são chamadas
As Ilhas Errantes. E por isso as devemos evitar;
Pois já emboscaram muitos incautos viandantes
Em nefandos perigos e inquieta ventura¹;
E toda a criatura que nelas pisar,
Delas jamais se poderá libertar,
Errando para todo o sempre incerta e insegura.²*

*

*Escura, lírida, sombria, tal campa cúpida
que aguarda ainda carcaças pútridas;
No topo da qual morou o Mocho execrável,
Guinchando sua lúgubre canção e escorraçando
Para longe desse covil qualquer outra ave afável,
E sempre em roda os espectros uivantes errando.³*

Imaginali vinte e cinco montes de cinza, empilhados aqui e ali num terreno fora da cidade; e que alguns dos montes chegam à altura de montanhas, e que o terreno baldio é o mar; e terão então uma ideia geral de como se parecem as «Encantadas», ou Ilhas Encantadas. Trata-se na verdade de um grupo de vulcões extintos e não de um arquipélago propriamente dito, sensivelmente com o mesmo aspecto que o mundo inteiro teria após um incêndio apocalíptico.

É de crer que não haja qualquer outro sítio na terra que, em matéria de desolação, se possa comparar a este arquipélago. Os cemitérios abandonados de outrora, as velhas cidades gradualmente soçobrando em ruínas, são bastante melancólicos; mas, como todo o resto que por uma vez esteve associado à humanidade, despertam-nos apesar de tudo alguma empatia, ainda que mesclada de tristeza. Assim, o mar Morto, juntamente com quaisquer outras emoções que possa inspirar, logra invariavelmente imbuir o peregrino de alguns dos seus menos desagradáveis sentimentos.

E, no que toca à solidão, as grandes florestas do Norte, a extensão de mares nunca navegados, os campos de gelo da Gronelândia, afiguram-se profundamente solitários aos olhos humanos; contudo, a magia das suas marés e estações cambiantes mitiga o seu terror; porque, embora jamais visitadas pelo homem, essas florestas são visitadas pela Primavera; e também os mares remotos reflectem as estrelas familiares, como o Lake Erie; e, no límpido firmamento de um belo dia polar, o gelo resplandecente de azul-celeste é esplêndido como a malactite.

Mas a especial maldição, como será legítimo chamar-lhe, das Ilhas Encantadas — que as torna mais desoladas do que Idumeia⁴ ou o Pólo Norte — é que jamais lhes advém mudança, seja a mudança das estações ou dos pesares.

Atravessadas pelo Equador, não conhecem Outono nem Primavera; tristes resquícios do fogo, já pouco podem ser afectadas pela ruína. Os aguaceiros refrescam os desertos; mas nestas ilhas nunca chove⁵. Como cacos de ânforas sírias deixados a apodrecer ao sol, são rachadas por uma seca eterna sob um céu tórrido. «Tende piedade de mim», julgamos ouvir gritar o espírito gemente das Encantadas, «e enviai Lázaro⁶ para que ele mergulhe a ponta do dedo na água e refresque a minha língua, que estas brasas me torturam.»

Outra característica destas ilhas é a sua irreduzível inabitabilidade. É certamente um corolário da mais completa desolação que o chacal tenha o seu covil nos desertos daninhos da Babilónia⁷; mas as Encantadas recusam-se a albergar até as bestas proscritas⁸. Renegam-nas lobos e homens. Aqui, raramente encontramos outros seres vivos que não répteis: tartarugas, lagartos, aranhas imensas, cobras, e essa estranha anomalia de exótica natureza: a *iguana*⁹. Não se ouve voz, mugido ou uivo; aqui, o principal som vivo é um silvo.

Na maioria das ilhas onde se encontra alguma vegetação, esta é mais estéril do que a aridez do Aracama¹⁰. Matas de espinheiros emaranhados, sem fruto e sem nome, crescendo entre profundas fissuras de rochas calcinadas e ocultando-as traiçoeiramente; ou cactos ressequidos, de aspecto grotesco.

Em vários sítios a costa é escarpada ou, mais propriamente, carbonizada; massas desconstruídas de uma matéria enegrecida ou esverdeada, como a escória de uma fornalha, aqui e ali formando cavernas e escuras fendas, dentro das quais um mar incessante despeja uma fúria de espuma, cobrindo-as com um redemoinho de névoa macilenta onde voltejam bandos gritantes de pássaros extraterre-

nos, concorrendo num soturno clamor. Por mais calmo que se apresente o mar ao largo, não há repouso para estas rebentações e aquelas escarpas; fustigam e são fustigadas, mesmo quando lá fora o oceano está em paz consigo mesmo. Nos dias nublados, oprimentes, característicos destas partes do oceânico Equador, as massas escuras, vitrificadas, muitas delas erguendo-se sobre brancos redemoinhos e recifes em lugares isolados e perigosos ao largo da costa, assumem um aspecto verdadeiramente plutónico. Terras como estas não poderiam existir em nenhum outro mundo senão num mundo caído em desgraça.

As partes da costa que não exibem sinais de fogo estendem-se em amplas praias planas de imensas conchas mortas, aqui e ali com pedaços putrefactos de cana-de-açúcar, bambus e cocos, afastados das encantadoras ilhas de palmeiras a sul e ocidente e atirados para este outro mundo sombrio; do Paraíso ao Tártaro; e, entre as relíquias de uma beleza distante, encontram-se por vezes fragmentos de madeira queimada e destroços de naufrágios. E não é de todo surpreendente a presença destes últimos, após a observação das correntes conflituosas que refluem por quase todos os grandes canais do arquipélago. A impulsividade das correntes aéreas simpatiza com as marítimas. Em nenhuma outra parte do mundo é o vento tão leve, desconcertante e tão pouco fiável e dado a surpreendentes calmarias como nas Encantadas. Já houve navios que demoraram quase um mês a navegar de uma ilha a outra, ainda que apenas uma distância de noventa milhas as apartasse: porque, devido à força da corrente, os botes empregues para remar mal conseguem impedir que a embarcação roce nas falésias e em nada contribuem para acelerar a viagem. Por vezes um barco afastado só logrará aproximar-se do arquipélago caso tenha começado a declinar muito antes de avistadas as

ilhas. E, todavia, noutras alturas, a corrente puxa com uma força misteriosa, atraindo irresistivelmente qualquer barco que passe entre as ilhas, ainda que com uma certa folga.

É verdade que a dada altura e, até certo ponto, ainda hoje, grandes frotas de baleeiros pescaram o cachalote nas águas a que alguns marinheiros chamam o Campo Encantado. Mas isto, como explicaremos a seu devido tempo, era ao largo da grande ilha de Albermale, mais afastada da teia intrincada das pequenas ilhas, onde o mar é largo; assim, os anteriores comentários não se aplicam propriamente a esse território, embora também aí a corrente seja por vezes singularmente forte, virando com o mesmo singular capricho.

Na verdade, há alturas do ano em que correntes completamente imprevisíveis se fazem sentir a uma grande distância ao largo do arquipélago em si, e são de tal modo fortes e irregulares que se abatem contra o leme de uma embarcação e fazem-na mudar de rumo, ainda que navegue a quatro ou cinco milhas por hora. A disparidade das posições estimadas pelos navegadores, por estas razões e por causa dos ventos leves e variáveis, fez com que durante muito tempo prevalecesse a convicção de que existiam dois grupos de ilhas distintos no paralelo das Encantadas, separados por cerca de cem léguas. Era essa a ideia que tinham os seus primeiros visitantes, os flibusteiros; e, até à data tardia de 1750, as cartas dessa parte do Pacífico ratificavam a bizarra ilusão. E certamente que esta aparente mobilidade e irreabilidade da localização das ilhas justifica, em parte, o facto de os espanhóis as terem chamado as Encantadas, ou Arquipélago Encantado.

Mas, sob a influência do seu carácter, tal como hoje indisputavelmente se apresentam, o navegador contemporâneo será levado a imaginar que a atribuição deste nome se deveu parcialmente à aura de mágica aridez que paira so-